

# Ocupem as ruas: encarado nos olhos, o terror se dissolve como água na água...

claudio\_tognolli

Claudio Tognolli

21 de novembro de 2015

Dados do Global Terrorism Database indicam algumas tendências armagedonicamente alarmantes. Em um ano, 16 mil pessoas morreram em atentados terroristas – 14 vezes mais do que dez anos antes, ou seja, 2004. Nos anos 2000, foram 70 mil ações terroristas, o recorde histórico por década. Quem mais sofreu? O recorde é da parcela de 22,43% , composta de cidadãos comuns. Quem mais morreu? Iraquianos, com 11%. Colômbia ocupa o quarto lugar, 5%, Peru curiosamente o sexto lugar (4%), os EUA em oitavo lugar (3%). Um lote de 48,12% dos ataques (primeiro lugar nas ocorrências) foi de atentados a bomba.

Confira aqui:

<http://www.start.umd.edu/gtd/>

Sabem o que é o terror? É o medo sem objeto. Por isso a Bruxa de Blair fez tanto sucesso: não eram tubarões ou Jasons ou Chucks no ataque: eram ventos, galinhos. Era o Nada. Por isso Heidegger e Sartre falavam que questão mais fundamental da filosofia do século 20 era o Nada.

Depois do ataque às torres gêmeas, o ex-presidente George W. Bush mostrava as fotos dos 19 terroristas. Depois, proibiu a divulgação: saía de cena o “terrorista” e entrava o “terrorismo” –o que justificava combatê-lo no país que interessasse a Bush. Foi assim que se forjou a invasão do Iraque.

O cineasta Alfred Hitchcock admitia que “não existe terror no estrondo, apenas na antecipação dele”. O ex-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, gostava de dizer que “as pessoas reagem ao medo, não ao amor”. E Goebbels,

ministro da propaganda de Hitler, orgulhava-se de ter detectado que “falamos sempre não para dizer algo, mas para obter algum efeito”.

O terrorismo vive de efeitos. Quer se fazer presente mesmo onde jamais vai estar.

Veja você que todos os assessores de imprensa da Casa Branca nos últimos 25 anos têm uma profunda formação nos vagidos da dita neurolinguística: são os chamados “spin doctors”. Logo depois do ataque às torres gêmeas, o presidente George W. Bush começou a mostrar ao mundo as fotos de 19 terroristas que planejaram os ataques. O truque é simples: e é baseado no conceito de Martin Heidegger a diferenciar medo de angústia. O medo se constrói sobre um objeto palpável, seja o tubarão de Spielberg ou o terror de Jason.

A angústia, refere o filósofo, se erige sobre o nada (por isso que os ventos e sussurros de “Bruxa de Blair” fizeram tanto sucesso em Hollywood. Eles eram a expressão do nada). A humanidade paga o que for para seguir o líder que lhe tire o sentimento de angústia e lhe coloque no sentimento de medo. Gostamos, de resto, de um medo para chamar de nosso e de um bode expiatório sobre o qual possamos lançar nossas adagazinhas. A Alemanha seguiu cegamente Hitler porque este, manipulando sobretudo a linguagem, veio com a lorota de que o objeto a ser temido era palpável: o judeu. A humanidade seguirá cegamente aquele que lhe apontar um objeto fóbico: esse conceito está em gente tão distinta quanto Le Bon, Freud, Wilhelm Reich, Ortega y Gasset e Elias Canetti.

Veja você também, retomando, que num primeiro momento o George W. Bush do 11 de setembro nos mostrava as 19 potentes fotos dos terroristas: estava nos dando um objeto

fóbico, algo palpável, a figura do “terrorista”. Num segundo momento, um mês depois do ataque, o discurso de George W. Bush, sob conselho dos “spin doctors”, retira o objeto fóbico: Bush deixa de falar o vocábulo “terrorista” e bota no lugar dele a palavra “terrorismo”. É quando entra em cena o vocábulo “terrorismo” que a situação fica feia.

Porque era o sinal verde para que se invadissem qualquer país em busca do “terrorismo”: a farsa que foi a invasão do Iraque, em busca de armas nucleares, foi antes de tudo um golpe e linguagem ( “talvez a história universal seja a história da vária entonação de algumas metáforas”, notou Jorge Luis Borges).

A nova guerra é a da linguagem e suas nuances. O vocábulo “terrorismo” serve a todos, porque prescinde de um objeto palpável. Ou como notou Pascal “uma esfera terrível, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em nenhuma”.

Os inimigos do islamismo legítimo vão querer dizer que todo o Islã é terrorista. O Estado Islâmico vai querer dizer que só ele representa o Islã.

Cai bem, seja aos EUA, seja ao terror, distribuir a ideia de que os terroristas não tem rosto. Isso potencializa vitriolicamente a ideia de que, assim, sem feição, podem estar em qualquer lugar, a qualquer hora.

O terror é o medo sem rosto. E medo sem rosto é angústia.

Os franceses devem fugir desse estado de coisas: e voltarem a frequentar as ruas.

O terrorismo vive da ausência das pessoas de bem, para que assim possa ocupar espaços, sobretudo o das ruas, universidades, etc.

Leia também:

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/a->

[marcha-dos-4-milhoes-na-franca-envergonha-o-214742630.html](#)